

## Exército barra nomeação de ex-auxiliar de Bolsonaro pivô de crise



General Tomás Paiva discursa durante solenidade do Dia do Exército. Alosio Mauricio - 19.abr.22 / Fotoarena / Folhapress

# Comandante do Exército suspende nomeação de ex-assessor de Bolsonaro

Pivô de crise com o antigo comandante, tenente-coronel Mauro Cid assumiria batalhão em Goiânia e, agora, espera nova designação

César Feitoza

**BRÁSILIA** O novo comandante do Exército, Tomás Paiva, decidiu suspender a nomeação do tenente-coronel Mauro Cid para o comando do 1º Batalhão de Ações de Comando, em Goiânia.

A decisão foi tomada nesta terça (24) após conversa entre Tomás e Cid. Segundo relatos feitos à Folha, o ajudante de ordens do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) sugeriu a suspensão da nomeação diante da crise militar após a queda do ex-comandante do Exército Júlio César de Arruda.

O Alto-Comando do Exército foi comunicado da decisão nesta terça. Com a mudança, Cid deve assumir um cargo burocrático no QG do Exército, e poderá concorrer novamente a um cargo de comando. Em nota, o Exército disse que Cid fez uma solicitação de "adiamento do comando", que foi deferido.

A ideia principal, segundo generais ouvidos pela Folha, é que ele tente concorrer novamente ao cargo no batalhão em Goiânia no biênio 2025-2026 ou antecipe sua candidatura a outra função em 2024.

A situação de Mauro Cid começou a ser discutida na noite de sexta-feira (20) entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o ministro da Defesa, José Múcio Monteiro.

Causou desconforto no governo o fato de Cid ser investigado pela Polícia Federal por transações suspeitas realizadas pelo tenente-coronel no período em que era ajudante de ordens de Bolsonaro, como revelou a Folha.

Investigadores identificaram no telefone do militar mensagens que levantaram suspeitas. Conversas por escrito, fotos e áudios trocados por ele e outros funcionários da Presidência sugerem a existência de depósitos fracionados e saques em dinheiro.

A movimentação se destinava a pagar contas pessoais da família Bolsonaro e também de pessoas próximas da ex-primeira-dama Michelle.

Com as suspeitas, Lula pediu a Múcio que tomasse providências para reverter a nomeação do militar. Apesar da

ordem, o ex-comandante do Exército Júlio César de Arruda resistiu à mudança.

Diante da ordem não cumprida, o ministro da Defesa decidiu demitir Arruda e colocar o general Tomás Paiva no comando do Exército.

"Estou torcendo para que o general Tomás vá dizer ao presidente que vai fazer aquilo que o presidente deseja fazer. A gente precisa que agora, para que nasça esse clima de confiança, de que o outro saiba o que vai se fazer, é muito importante que essa iniciativa seja do Exército", disse o ministro à GloboNews antes da reunião do Alto-Comando.

"O general Tomás pediu para que ele tomasse a frente para decidir o que é que vai fazer [como o caso Cid]. Mas que tomará as providências e combinar comigo e com o presidente", completou.

A decisão foi bem recebida pelo Alto-Comando do Exército, colegiado de 16 generais quatro estrelas, durante a reunião desta terça. Em patentes mais baixas, no entanto, a avaliação corrente é que a queda de Cid configura uma interferência política de Lula na Força e tem poder para aumentar a insatisfação contra o presidente e generais.

O encontro do Alto-Comando foi marcado pelo novo comandante da Força, general Tomás Paiva, ainda no domingo (22) para discutir a situação de Cid e dar novas diretrizes para os comandados.

De acordo com quatro generais ouvidos pela Folha, houve uma avaliação de que o Exército falhou na comunicação durante o período eleitoral. O generalato entende que perdeu o controle das informações com diversos ataques e notícias falsas sobre a Força que circularam nos últimos meses de 2022.

Por isso, Tomás definiu que o Exército terá uma postura mais proativa na comunicação interna, para evitar que notícias falsas sobre o comando sejam acolhidas pela tropa.

Eles citam como exemplos ataques contra cinco generais do Alto-Comando, chamados por bolsonaristas de "melancias", em falsa afirmação de que eles seriam comunistas.

### CRONOLOGIA DA CRISE MILITAR

1. Comandantes militares decidem deixar cargos antes da posse
2. Lula nomeia General Arruda para o comando do exército
3. Ataques golpistas geram atritos entre governo e exército para fim de acampamentos
4. Lula passa a manifestar desconfiança com comandantes militares
5. Governo passa a demitir militares do GSI e da segurança do Alvorada
6. Arruda é demitido, e Lula escolhe novo comandante do Exército

Antes da reunião formal do generalato, que começou no início da tarde, os militares conversaram no cafezinho sobre o discurso de Tomás à tropa do Comando Militar do Sudeste, divulgado na última sexta-feira (20), em defesa do respeito às urnas e à hierarquia e disciplina militar.

A publicação do vídeo pelos canais oficiais da Força gerou incômodo em alguns militares, que viram na gravação uma possível sinalização de Tomás ao governo de Lula que, diante do mal-estar com Arruda, ele poderia assumir a função máxima do Exército.

A interlocutores Tomás classificou o caso como uma infeliz coincidência. Ele ainda explicou que o discurso foi feito após o próprio Arruda, em reunião do Alto-Comando na quarta-feira (18), ter pedido para que os generais reforçassem às tropas os princípios de respeito à hierarquia e disciplina aos comandados.

Durante a reunião do Alto-Comando do Exército, os generais ainda trataram sobre o comandante Militar do Planalto, Gustavo Henrique Dutra, alvo de processo de fritura dentro do governo.

A avaliação do generalato é que Dutra não cometeu erros e cumpriu as ordens dadas pelo comando do Exército durante a crise dos acampamentos em frente ao quartel-general e não deve ser punido.

Há um acerto interno, no entanto, desde a gestão anterior, do general Marco Antônio Freire Gomes para que Gustavo Dutra deixe a função após a próxima reunião do Alto-Comando do Exército, que deve ocorrer em fevereiro. A justificativa é que o CMP (Comando Militar do Planalto) é o único chefiado por um general três estrelas e sua rotatividade é mais rápida, por ser um cargo muito disputado.

O caso do tenente-coronel Jorge Paulo Fernandes da Hora, comandante do BGP (Batalhão da Guarda Presidencial), também foi solucionado, como mostrou a Folha. Ele assumirá nova função no Estado-Maior do CME e o comando do batalhão passará a ser feito pelo tenente-coronel Nélio Moura Bertolino.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo 1

**Seção:** Política **Página:** 4